

3 POEMAS

Nuno Rau

SAMBA-RAP PRA CAROLINA MARIA DE JESUS

para Lélia Gonzalez

queria sua língua portunegra lambendo
meus olhos, *Carolina*, só assim eles poderiam
ver as estrelas, meus olhos de animal
noturno precisam da treva do seu corpo,
a saliva espessa de onde brotam palavras
suspensas entre dois continentes, mãe,
só assim eu poderia ver sem esses véus
de classe

[*minhas roupas*],

peso morto, monturo de enigmas
que não quero decifrar quando vejo
playboys de escafandro inventando
novos modos de usar sob uma lua literária
que boia entre nós e as estrelas, *iyá*,
as estrelas
deviam nos levar ao paraíso quando
em seu colo eu tentasse dizer “*não vá
por essa trilha da cidade-fantasma, não
se deixe ficar entre espantalhos, seu
sangue vai secar no deserto de alvenaria*”

e seu canto sincopado no chão de nossa América
me lembrasse que o rumor do mundo
não esperava que seus pés se soltassem
do chão e agora também não consigo
arrancar os meus, *mãe*, quando essa lua
nos massacra e seu vago brilho decadente
não deixa meus olhos afundarem no vórtice
da noite com ou sem estrelas, não
importa a quem

[*acorrentado*]

no porão

deste navio Copacabanindé supõe
quantas palavras erram no vão profundo
entre as luzes que ardem mesmo quando
mortas feito os milhares de ouvidos que não
são para o que disse a sua boca, *mama*

quero brincar com você pelas ruas da cidade-
jardim, *iyá*, vamos catar os papéis descartados
pela História e juntar fardos pra recortar
todas as palavras esquecidas e então
espalhar tudo no chão nosso quarto
de despejo, embaralhar e escrever um livro
de páginas pretas como sua pele, seus olhos,
onde os versos brilhem como constelações
e mostrem o caminho até seu ventre, *mama*,
onde novas palavras me esperam pra poder
me gostar e me fazer então de vez
nascer entre meus irmãos

D.R. COM WALT WITHMAN

“Este homem está deitado de costas ao meu alcance... com o cabelo preto grosso cortado rente... a cada respiração um espasmo... Parece tão cruel. É um jovem nobre... Muitas vezes não há ninguém com ele durante muito tempo. Estou aqui sempre que posso.”

Walt Withman, numa carta.

porra, Walt, todo aquele sonho deu
num beco escuro, as lágrimas
das bibliotecas secaram e a sinceridade
anda sendo vendida em cápsulas, os velhos
gênios do Ocidente – para muitos
só aqueles do velho continente (e você
está sentado ao lado deles na santa
ceia) – não guardam mais
conselhos úteis nos bolsos de seus paletós
escuros, por aqui há velhos que continuam
loucos e estão escrevendo versos incríveis,
vamos todos morrer, os que foram
publicados pela Viking Press, pela José
Olympio ou pela Companhia
das Letras e os que não foram também,
em cada canto do planeta há gente
desorientada, a libertação da alma levou
à libertação da palavra, mas nos

distraímos e ela foi correndo
ao supermercado, apesar disso
me interesse pelos corações de todos
esses poetas, infinitos rabiscos nus
e fluorescentes nas páginas de moleskines,
de *tablets*, *smartphones*, condenados
aos céus de uma Nova York imaginária,
codificados em senhas de *wi-fi* sob
a palavra *suckcess*, o mundo insulta
a beleza sempre que ela aparece, Walt,
e de nada adiantou escrever cartas
para os soldados, nem levar frutas,
tabaco, *brandy*, jornais e dinheiro
para os doentes da guerra, esses
que, como nós, escreviam muito mal, ou
temiam preocupar os que deixaram em casa, ou
que, depois de uma longa reflexão, tudo
o que puderam contar sobre si mesmos
era tão triste, tão triste, você devia
ter dito a eles, Walt, e com veemência,
“*desçam do trem, rapazes, ele vai
para o precipício*”, e não apregoar
em seu cântico uma esperança minada
pelos fatos e por essas cartas
de Deus, extraviadas pelas ruas
entre vitrines, dólares, fumaça e asfalto

RESSAGRES

aquele rosto se partiu oceano
adentro e já é possível vislumbrar
deste lado do espelho – de onde há
muito já não se traça nenhum plano
e, confusas, as rotas por trilhar
singram até o limite do mar plano
tentando, entre quimeras, algum canto
– que caiu nos abismos É de lá
que o rosto feito em proas dessas naus
olha pro *teto fundo de oxigênio*
em busca de algum astro e nenhum senso
reúne, fraturadas, as suas mal-
traçadas linhas, quilhas-fragmentos
de sentido disperso em mundo imenso.

*em itálico, *sampler* de “Horas Mortas”, poema d’O Sentimento dum Ocidental, de Cesário Verde.

Nuno Rau

Poeta, letrista e professor de História da Arte, publicou o livro *Mecânica Aplicada* (2017, poemas), finalista do 60º Prêmio Jabuti e do 3º Prêmio Rio de Literatura. É coeditor da revista de poesia e arte contemporânea *mallarmargens.com*, ministra oficinas de poesia no Instituto Estação das Letras | IEL, e atua como co-curador de eventos nacionais e internacionais, como o *Raias Poéticas*, da Casa de Cultura Vila de Famalicão (Portugal), *Templo D’Escritas*, uma iniciativa conjunta envolvendo Brasil, Angola, Moçambique e Portugal, e o *Concerto de Poesia*, no IEL.